



EUROPA EM CHAMAS

Retirada em massa na Espanha e França

Verão com temperaturas extremas e seca acentuada alimenta incêndios florestais que as autoridades reconhecem como "incontroláveis" e forçam remoção de 60 mil pessoas. Na França, turistas deixam a região de Bordeaux

Cesar Manso/AFP



Chamas se alastram nos arredores de Cebreros, a oeste da capital espanhola: moradores registram as piores queimadas em décadas

63 mil
total aproximado de moradores que deixaram suas casas na Espanha

50 mil hectares

área de vegetação consumida pelas chamas na França

Dezenas de milhares de pessoas foram retiradas de casa, ontem, para escapar dos incêndios no sudoeste da França e nos arredores da capital da Espanha, Madri, onde dois grandes focos de incêndio ameaçavam se fundir em uma única frente e agravar ainda mais a situação. Mais de 63 mil moradores tiveram de ser evacuados ou permaneciam confinados, nas imediações da capital espanhola, por causa do “pior incêndio da história” na área, anunciou a presidente da comunidade autônoma, Isabel Díaz Ayuso. Cenas semelhantes foram vistas na França, com milhares de pessoas forçadas a deixar o destino turístico de Cap Ferret.

“A previsão é de que o vento continue soprando e, portanto, até a noite o incêndio possa continuar avançando”, alertava o delegado do governo regional, Fran Martín Aguirre. O presidente do governo (primeiro-ministro), Pedro Sánchez, tinha visita programada ao local para a manhã de hoje. Em meio às operações de bombeiros e outras forças da defesa civil, o receio maior era de que se unissem o incêndio na área de Madri (que queimou 6 mil hectares) e o da província vizinha de Castela e Leão (9 mil hectares devastados).

O conselheiro regional de Meio Ambiente, Carlos Novillo, disse que o incêndio no sudoeste da capital se encontrava no “momento mais crítico”, “já além da capacidade de extinção”. Por sua vez, a Guarda Civil deteve uma pessoa como possível autora do incêndio em Castela e Leão. Outro suspeito estava sendo investigado. Embora ainda longe da capital, as chamas atingiam uma série de municípios residenciais bastante povoados, muitas vezes cercados por colinas, áreas de mata e vegetação rasteira, que favorecem a propagação do fogo.

“Tenho 53 anos e já vi incêndios grandes, mas não um tão grande como esse”, afirma Félix Hernández, vereador do município de Aldea del Fresno, que foi totalmente

evacuado. Outro importante incêndio, em Guadalajara, iniciado na quinta-feira em uma área pouco povoada ao nordeste de Madri, queimou 32 mil hectares e se encontrava em fase de estabilização. O Exército se retirou da região.

Situação adversa

Desde 1º de janeiro, quase 130 mil hectares foram queimados na Espanha, em comparação com 393 mil em todo o ano de 2025. As condições meteorológicas complicam o trabalho dos bombeiros e dos militares que tentam conter as chamas, segundo imagens divulgadas pela Guarda Civil. “Temos uma situação adversa, como vocês podem ver pelo vento”, disse o ministro do Interior, Fernando Grande Marlaska. “Temos estimativas superiores a 50km/h. A temperatura também

AFP



Bombeiros combatem as chamas na região de Madri: emergência

não vai facilitar a nossa tarefa, nem o grau de umidade”, indicou, a partir do posto de comando instalado na área.

França

O fogo também não dá trégua na França, e ontem devastava

zonas próximas à cobiçada região vinícola de Bordeaux, no sudoeste do país, onde os incêndios obrigaram moradores e turistas a fugir da península de Cap Ferret, de barco e por estrada, em plena temporada de férias de verão. No total, 140 mil pessoas foram retiradas das duas áreas, ameaçadas pelos incêndios florestais. As chamas destruíram 19 mil hectares, informou o ministro do Interior, Laurent Nuñez.

Ele prometeu que as autoridades “farão todo o possível para proteger” a cidade de Bordeaux, perto da área das queimadas. Os departamentos de Gironde (que tem Bordeaux como capital) e de Landes, ambos no sudoeste, são os mais afetados.

Este ano é o segundo com maior área queimada por incêndios na União Europeia desde que começaram os registros, há 20 anos, segundo dados de satélites do Sistema

Europeu de Informação sobre Incêndios Florestais (Effis) analisados pela agência de notícias France-Presse (AFP). Desde o início do ano, mais de 50 mil hectares foram queimados em incêndios na França — quase o triplo do registrado no mesmo período de 2025, indicou o ministro do Interior.

Em um ginásio poliesportivo na cidade de Lège Cap Ferret, Maria Lalanne, moradora de 90 anos e sem família, foi retirada durante a noite e teve de deixar em casa o aparelho auditivo e os óculos. “Não sei quanto tempo isso vai durar. Não sei o que aconteceu com a minha casa”, dizia, atordoada.

A mudança climática, causada principalmente pela queima contínua de petróleo, carvão e gás, agrava a seca atual, segundo climatologistas do grupo World Weather Attribution em um estudo publicado na quinta-feira.

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
SILVIOQUEIROZ.BSB@GMAIL.COM

Corrida nuclear no horizonte

O acordo anunciado por Donald Trump para que a Arábia Saudita desenvolva seu programa nuclear, na cola dos EUA, marca um novo momento não apenas no jogo de forças no Oriente Médio. Como prenunciado por inúmeros institutos de pesquisa, o comunicado oficial deu poucas indicações claras, mas o suficiente de pistas sobre o norte. O reino, que compõe com Israel o grande contraponto militar e geopolítico ao Irã, mas não deixa de representar um desafio a Israel, sai da guerra inacabada com o destino encaminhado de tornar-se, ao lado dos regimes de Teerã e Riad, um fator claro de poder no Oriente Médio.

É mais do que sintomático que o avanço saudita na direção nuclear se faça à sombra das incógnitas em torno da queda de braço com o Irã. O lance desafia o equilíbrio de forças, e não apenas no ambiente imediato do Oriente Médio. Não muito distante, Paquistão e Índia já demonstraram - no terreno experimental - capacidade atômica para combate. Ao fazerem,

tiveram o cuidado de não deixar margem a qualquer tipo de incidente que pudessem precipitar-los, potências político-militares do pedaço, a pensarem uma vez mais.

A ideia de que sauditas e iranianos, rivais em mais de um plano, avancem ambos na direção de obter um arsenal atômico — ou, ao menos estarem ambos com a meta ao alcance — é o bastante para inquietar Israel. E para projetar um novo round da corrida nuclear, nos próximos anos: Egito e Turquia, para falar eu ao menos dois meses, expressam inquietação expressa e contínua. Os Emirados Árabes já têm seu programa na área. Quem tiver como, na área, não tende a esperar de braços cruzados até que os vizinhos tenham capacidade nuclear militar.

A preços de hoje, há quem saiba que, por algum tempo, manterá o monopólio. Israel é onipotente na área desde os anos 1980. Ensaia com os EUA regimes conjuntos de controle da região. Mas tem como cláusula pétrea de sua política de Estado manter o monopólio do poder nuclear na região. Não muito distante, Índia

e Paquistão administram uma rivalidade histórica conhecendo que ambos têm capacidade atômica e de mísseis para causar ao outro o dano inaceitável.

Sem fronteiras

Ainda que não imediato, é indisfarçável o impacto da corrida nuclear ensaiada no Oriente Médio. Em especial, a questão se recoloca na América Latina, onde Brasil e Argentina, os principais atores militares e geopolíticos, optaram há quatro décadas por abandonar pretensões nucleares militares. Como resultado, abriu-se caminho para o processo de integração regional, ainda hoje atravancado. Ao assinarem o Tratado de Não Proliferação (TNP), não apenas liberaram um ao outro da preocupação e dos esforços para manter programas científicos de direção ambígua — aqueles que seguem, à primeira vista, a trilha dos objetivos civis, mas capacitam o país a desenvolver meios e conhecimentos para, eventualmente, avançar para a bomba.

A renúncia de ambos os vizinhos à

pretensão nuclear militar foi pedra fundamental para a construção do Mercosul e o início dos esforços para a integração econômica e política na América do Sul — e, futuramente, para a extensão do processo ao conjunto da América Latina e do Caribe. É sobre essa base que, à parte as diferenças arraigadas no terreno comercial, as duas principais economias do subcontinente, que têm nas imediações o México como único parceiro (ou rival) de porte comparável, vêm construindo um ambiente regional em que a cooperação se sobrepõe às disputas, e a intervenção política na cena global coincide, fundamentalmente — com a exceção dos períodos em que, lá (Javier Milei) e aqui (Jair Bonsonaro), os governos priorizam objetivos próprios e deixam de escanteio as metas de integração.

Variante africana

A corrida nuclear à vista no Oriente Médio tem potencial para recolocar o tema na África. Nos anos 1970 e 1980, os EUA e potências ocidentais concentraram as atenções na Líbia de Muammar Kadafi, que renunciou ao seu programa na década seguinte — e acabou deposto e linchado, em 2011, com o país sob ataque da Otan, nos

marcos da chamada “primavera árabe”. A marcha da Líbia para tornar-se potência atômica teve impactos iniciais em vizinhos como o Egito, que convive — ainda hoje — com a presença de Israel como único país da região com esse status.

O Estado sionista, porém, vinha de manter, nas décadas anteriores, uma cooperação estreita na área com a África do Sul, na época sob o apartheid. Submetido então a um regime internacional de boicote, o regime racista de Pretória desistiu da bomba. Com a libertação de Nelson Mandela, em 1983, e sua eleição como presidente, no ano seguinte — a primeira vez em que um negro pôde disputar o governo —, o país distanciou-se ainda mais dos planos armamentistas do regime supremacista branco, embora tenha mantido as capacidades atingidas. Israel era já uma potência nuclear militar quando a África do Sul, na transição para o pós-apartheid, renunciou formalmente à bomba.

A perspectiva de uma Arábia Saudita com artefatos atômicos, no entanto, recoloca a questão para países como o Egito, que rivaliza com a África do Sul por uma vaga destinada para o continente em uma eventual ampliação do Conselho de Segurança das Nações Unidas.